

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**RENATO DE OLIVEIRA ALCANTARA**

VESTÍGIOS DAS DECORAÇÕES INTERIORES DO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO:  
a presença de uma ausência

RIO DE JANEIRO

2018

Renato de Oliveira Alcantara

VESTÍGIOS DAS DECORAÇÕES INTERIORES DO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO:  
a presença de uma ausência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Belas Artes da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do grau de bacharel em  
História da Arte.

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Cavalcanti

Rio de Janeiro

2018

Ao Museu Nacional, que vive!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que são os melhores que podem ser, e os melhores que eu poderia ter. Obrigado por sonharem os meus sonhos comigo.

Agradeço a minha irmã pelos puxões de orelha e incentivo nas vezes que pensei em desistir.

Agradeço as maiores alegrias dos meus dias na faculdade: minhas amigas Ary, Babi, Bete, Di, Est, Frank, Isa, Marry, Manu e Thay. Agradeço pelas companhias nas manhãs de sono, e nas noites viradas. Agradeço pelos almoços com risadas, pelos festejos, pelos passeios, pelas viagens de ônibus juntos, pela ajuda com trabalhos, pelos afetos. Sem vocês tenho certeza de como tudo teria sido mais difícil, e é grande o presente ter vocês!

Agradeço a Ana Bia, Babi, Flora, e Raquel, mais quatro amigas que eu ganhei.

Agradeço a Breno, Elisa, e Thaís, amigos também fundamentais.

Agradeço a Professora Ana, pela orientação, pelas sugestões, pela dedicação, pela atenção, e pelas aulas encantadoras.

Agradeço ao Professor Francisco, pelos encontros, pelas conversas, pelos livros emprestados, pela paciência, pela disponibilidade de compartilhar comigo caminhos para o meu trabalho de conclusão do curso.

Agradeço a Professora Tatiana, pela participação na banca, e pelas aulas de que tanto gostei.

Agradeço a Professora Marize, pela participação na banca, e pelo trabalho que estou conhecendo e admirando.

Agradeço aos Professores da História da Arte, profissionais fantásticos que inspiram, e a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ) pelo ensino gratuito e de qualidade.

Agradeço a toda equipe da Seção de Assistência (SAE) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) por ter me dado uma das maiores oportunidades que já vivi.

Agradeço a todos os autores que neste trabalho referenciao, pois suas contribuições são essenciais.

[...] as ausências se revelam tão significativas  
quanto o que está presente.

Maria Paula Van Biene, 2013.

## RESUMO

ALCANTARA, Renato. Vestígios das decorações interiores do Paço de São Cristóvão: a presença de uma ausência. Monografia (Bacharelado em História da Arte). Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2018.

Este trabalho dedica-se a uma análise de decorações interiores do Paço de São Cristóvão – atual casa do Museu Nacional - que remanesçam da época em que o imperador Pedro II ali morou. Essas decorações ainda presentes - até o incêndio de grandes proporções que atingiu o paço em 2 de setembro de 2018 - estavam sobretudo no segundo pavimento dos torreões norte e sul do edifício, abrangendo as salas denominadas: sala dos embaixadores, sala do trono, gabinete de estudos, antessala e oratório. É a partir das decorações desses ambientes então, que o presente trabalho propõe uma investigação sobre quais seriam as possibilidades e relações de utilização entre esses espaços, bem como quais sentidos denotam as suas presenças e ausências decorativas. O objetivo é tentar compreender o que foi a plenitude decorativa desses espaços através da presença de estuques e pinturas que permaneceram, e da ausência de equipamentos móveis que ali também existiram. O estudo permeia a composição desses ambientes em fins do século XIX, dada à análise do catálogo do leilão do espólio da família imperial de 1890, banida um ano antes por ocasião da Proclamação da República. Os vestígios das decorações interiores do Paço de São Cristóvão assim conferiam a presença de algo que está ausente.

Palavras-chave: Decorações de interiores. Paço Imperial. Museu nacional.

D.Pedro II.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. A HORA DA VIRADA: DE PAÇO IMPERIAL A MUSEU NACIONAL.....</b>	<b>17</b>
<b>2. AUSÊNCIAS ÍNTIMAS E DECORAÇÕES PARA SE BEM ESTAR.....</b>	<b>22</b>
2.1 O GABINETE DE ESTUDOS: UMA FOTOGRAFIA, UM CATÁLOGO PARA PEÇAS.....	23
2.2 A ANTESSALA E O ORATÓRIO: DOIS TETOS DECORADOS, ESPAÇOS PARA CONTEMPLAÇÃO.....	28
<b>3. ABRAM ALAS, O PAÇO ORGULHOSAMENTE APRESENTA:     DECORAÇÕES PARA UM ESPETÁCULO.....</b>	<b>33</b>
3.1 A SALA DOS EMBAIXADORES: ILUSTRES RECEPÇÕES, ILUSTRE DECORAÇÃO.....	36
3.2 A SALA DO TRONO: UM PALCO PARA O IMPERADOR.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Ilustração 1: Meteorito de Bendegó, no antigo vestíbulo do paço, atual hall de entrada do museu. Em destaque de vermelho, na parede ao fundo é possível ver vestígios decorativos do antigo paço, através das colunas com capitéis, e da prospecção.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/geologia/geo012.html>

Ilustração 2: *A presença de uma ausência*, por Maria Paula Van Biene.

Fonte: BIENE, Maria Paula van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2013.

Ilustração 3: Melhorias sucessivas do Palácio de São Cristóvão, de 1808 à 1831. Litografia colorida de Thierry Frères segundo um desenho de Jean Baptiste Debret em *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, Paris 1834-9. De baixo para cima as imagens mostram: a Chácara do Elias em 1808, o Paço de D. João em 1816, e o Paço de Pedro I em 1822 e 1831.

Fonte: BIENE, Maria Paula van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2013.

Ilustração 4: O Paço de São Cristóvão hoje, nas feições que o reinado de Pedro II deixou.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/>

Ilustração 5: *A Pátria* de Pedro Bruno, 1919.

Fonte: <http://museudarepublica.museus.gov.br/a-patria/>

Ilustração 6: Planta-baixa do segundo pavimento do Paço de São Cristóvão, destacado em vermelho o torreão sul, que comporta o gabinete de estudos, antessala e oratório.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento2.html>

Ilustrações 7 e 8: A esquerda o gabinete de estudos no Palácio de São Cristóvão enquanto Museu Nacional, a direita o gabinete no palácio enquanto Paço Imperial. Em destaque de vermelho na imagem à esquerda a prospecção dos painéis pintados da imagem à direita.

Fonte:<http://acasasenhorial.org/index.php/casassenhoriais/pesquisaavancada/39-fichas/469-quinta-da-boa-vista>

Ilustração 9: *Gabinete Particular de D. Pedro II, São Cristóvão* de Marc Ferrez, 1885.

Fonte:<http://acasasenhorial.org/index.php/casassenhoriais/pesquisaavancada/39-fichas/469-quinta-da-boa-vista>

Ilustração 10: *Um catálogo para o Gabinete do Imperador* de Renato Alcantara, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Ilustração 11: Gabinete de estudos do Museu Imperial, Petrópolis.

Fonte: <http://www.museuimperial.gov.br/servicos-online/tour/visita-interativa>

Ilustração 12: Teto da antessala.

Fonte: [http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia\\_MN.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia_MN.pdf)

Ilustração 13: Sanefa com monograma de Pedro II.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/salas/antesala.html>

Ilustração 14: Parte do teto e duas sanefas. A sanefa da esquerda está colada na parede, acima do portal de acesso ao oratório. A sanefa da direita, de acesso a uma das janelas, apresenta vácuo com a parede.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/salas/antesala.html>

Ilustração 15: Teto do oratório.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/salas/oratorio.html>

Ilustração 16: Planta-baixa do segundo pavimento do Paço de São Cristóvão em 1864, destacado em vermelho o oratório.

Fonte: Fonte: BIENE, Maria Paula van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2013.

Ilustração 17: Planta-baixa do segundo pavimento do Paço de São Cristóvão, destacado em vermelho o torreão norte, que comportava a sala dos embaixadores e a sala do trono

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento2.html>

Ilustração 18: Roda-teto da sala dos embaixadores.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/1/princ1.html>

Ilustração 19: Catálogo da Sala de N.º 9 correspondente a sala dos embaixadores.

Fonte: SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

Ilustração 20: Publicação do Sétimo Leilão do Paço no Jornal do Commercio, em 26/09/1890.

Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Ilustração 21: Dom Pedro II, imperador do Brasil, aos 21 anos de idade em 1847.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pedro\\_II1847.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pedro_II1847.JPG)

Ilustração 22: 1 de 1 sofá, 1 de 4 cadeiras com braços, e 1 das 8 ditas de guarnição.

Fonte: <http://www.museuimperial.gov.br/dami/>

Ilustração 23: *Pedro II, Imperador do Brasil, Rio de Janeiro, 18??*

Fonte: INSTITUTO CULTURAL BANCO SANTOS. *De volta à luz: fotografias nunca vistas do imperador*. 2003.

Ilustração 24: Um dos dois espelhos.

Fonte: DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Programa de Pós-graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

Ilustração 25: Tapete Aubusson, com a marca CJ Sallandrouze, datado de 1852.

Fonte: <http://www.museuimperial.gov.br/servicos-online/tour/visita-interativa>

Ilustração 26: A sala do trono.

Fonte:<http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-avancada-2/174-quinta-da-boa-vista>

Ilustração 27: Catálogo da Sala de N.10 correspondente a sala do trono.

Fonte: SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

## INTRODUÇÃO

Durante os anos de 2013 a 2018 tive a oportunidade de estagiar na Seção de Assistência ao Ensino<sup>1</sup> do Museu Nacional/UFRJ<sup>2</sup>, seção que é responsável pela realização das visitas educativas no circuito expositivo do museu.

Integrando a equipe do setor e atuando como mediador, percebi uma demanda e expectativa constantes de grande parte do público visitante com relação ao que esperavam encontrar no acervo em exposição. Pelo fato da edificação que abriga o museu já ter sido paço da família real e imperial, muitos visitantes ao chegarem ao espaço sem muitas informações, ou até pela primeira vez, ficavam de certa maneira decepcionados, ao descobrirem que não encontrariam muitos objetos relacionados aos moradores que habitaram naquela casa<sup>3</sup>.

Ainda assim os visitantes se encantavam com a diversidade de curiosos objetos que ali conheciam, bem como ficavam entusiasmados com as histórias desses. E se, à primeira vista, quem via as coleções do Museu Nacional, achava que não encontraria objetos do universo monárquico, se equivocava. Se no imaginário, exemplos desses objetos seriam apenas os equipamentos interiores de uma casa, como o mobiliário, ou itens de uso pessoal, como a indumentária, o visitante descobria os interesses dos moradores do paço através de suas coleções ali presentes: a Coleção de Antigo Egito formada pelos imperadores Pedro I e Pedro II, o Meteorito de Bendegó encontrado na Bahia em 1784 e trazido ao Rio de Janeiro em 1888 por Pedro II, ao seu engajamento e vontade, exposto logo no *hall* de entrada da instituição (Ilustração 1), a Coleção Greco-Romana financiada pela imperatriz Teresa Cristina, dentre outras coleções.

---

<sup>1</sup> Primeiro setor educativo de um museu brasileiro, criado em 1927 por Edgard Roquette-Pinto.

<sup>2</sup> Primeiro museu do Brasil, criado em 1818 por Dom João VI, e incorporado à Universidade do Brasil em 1946, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> O Museu Nacional é considerado um museu de história natural, não um museu histórico, mas podemos ver que os dois formatos se relacionam dentro do contexto da história, espaço e acervo da instituição.

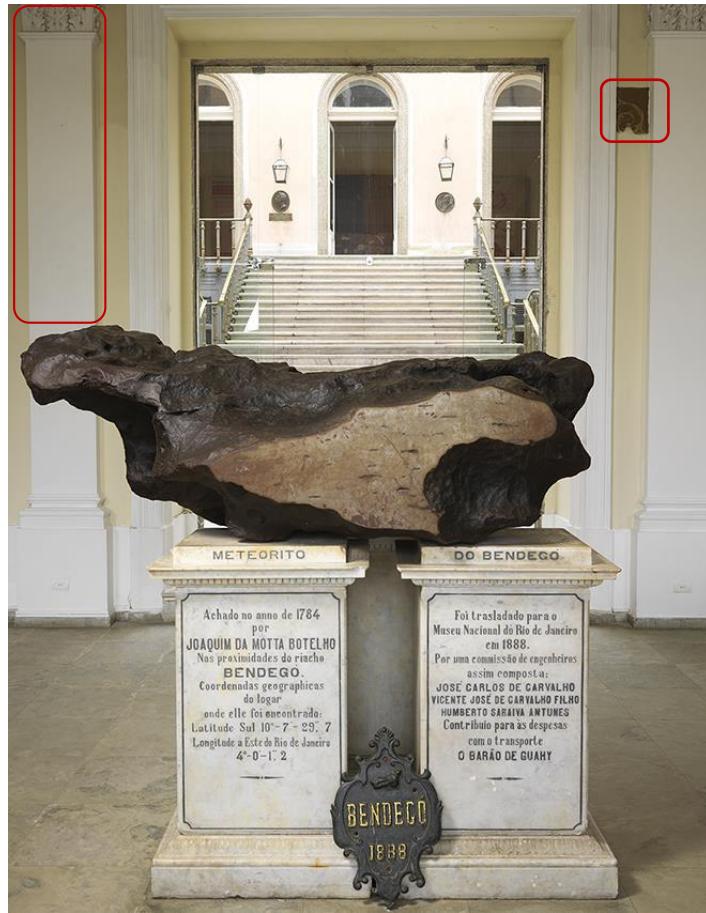


Ilustração 1: Meteorito de Bendegó, no antigo vestíbulo do paço, atual hall de entrada do museu. Em destaque de vermelho, na parede ao fundo era possível ver vestígios decorativos do antigo paço, nas colunas com capitais, e da prospecção.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/geologia/geo012.html>

Além de tantos objetos que contavam histórias da civilização e de seus colecionadores, pequenos detalhes do paço auxiliavam a rememorar a fantasia de imaginar a suntuosidade da casa de um rei, através de fragmentos de pinturas, tetos lindamente decorados, e até uma sala inteiramente pintada, que poderia fazer os visitantes voltarem ao tempo, ao século XIX.

Essas decorações ainda presentes - até o incêndio de grandes proporções que atingiu o paço em 2 de setembro de 2018 - estavam sobretudo no segundo pavimento dos torreões norte e sul do edifício, abrangendo as salas denominadas: sala dos embaixadores, sala do trono, gabinete de estudos, antessala e oratório. É a partir das decorações remanescentes desses ambientes - que datam do reinado de Pedro II - que o presente trabalho propõe uma investigação sobre quais seriam as possibilidades e relações de utilização

entre esses espaços, bem como quais sentidos denotam as suas presenças e ausências decorativas.

A proposta é tentar compreender o que foi a plenitude desses espaços através da presença dos estuques e pinturas decorativas, com a ausência dos equipamentos móveis que integraram aquele ambiente. O estudo se aproxima da composição desses ambientes em fins do século XIX, analisando o catálogo do leilão de 1890 do espólio da família imperial, banida um ano antes por ocasião da Proclamação da República.

As fontes da pesquisa sobre a história do paço se aprofunda especialmente a partir dos estudos da historiadora Regina Maria Macedo Costa Dantas em sua dissertação de mestrado, *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*<sup>4</sup>, e da arquiteta Maria Paula Van Biene em sua tese de doutorado, *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*<sup>5</sup>, trabalhos de pesquisa de profissionais da casa que em muito se dedicaram à história do edifício. A leitura de *O Leilão do Paço de São Cristóvão*<sup>6</sup>, do historiador Francisco Marques dos Santos, nos facultou a inserção e compreensão dos equipamentos móveis do antigo paço nos seus determinados lugares.

O primeiro capítulo dedica-se às transformações que fizeram o antigo Paço Imperial abrigar o Museu Nacional, e quais as causas do apagamento dos elementos decorativos interiores. Ao longo do tempo, porque as presenças foram ficando cada vez mais ausentes?

O segundo capítulo trata dos espaços íntimos do segundo pavimento do torreão sul do paço que foram abertos ao público visitante. Um registro fotográfico de 1885, de Marc Ferrez, expõe detalhadamente como foi o gabinete

<sup>4</sup> DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Programa de Pós-graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

<sup>5</sup> BIENE, Maria Paula van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

<sup>6</sup> SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

de estudos de Pedro II. Já na antessala e no oratório da imperatriz, dois tetos decorados estimulavam a imaginação para o que um dia já foram.

O terceiro capítulo concentra-se nos espaços públicos do segundo pavimento do torreão norte, onde acontecia o que podemos chamar de “Teatro da Monarquia”. A sala dos embaixadores ou do corpo diplomático seria a coxia, e a sala do trono, o palco do espetáculo. Ilustres decorações emolduravam o ator principal, e recepcionam seu público visitante.

As decorações interiores do Paço de São Cristóvão assim conferem a presença de algo que está ausente. Peço emprestado o termo *a presença de uma ausência* – que adoto no título da monografia - à legenda de uma imagem da sala do trono (Ilustração 2), assim nomeada por Maria Paula Van Biene em sua tese de doutorado.



Ilustração 2: *A presença de uma ausência*, por Maria Paula Van Biene.

Fonte: BIENE, Maria Paula van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2013.

## 1 A HORA DA VIRADA: DE PAÇO IMPERIAL À MUSEU NACIONAL

Ao discorrer sobre o Museu Nacional, não há como não voltar à história do Paço de São Cristóvão, atual casa da instituição. São histórias integradas uma a outra, que caminham em grande parte de forma conjunta. Até o dia 2 de setembro de 2018, parte dos espaços interiores do edifício, sobretudo enquanto paço do reinado do imperador Pedro II, era explorada e reconhecida através da investigação de estudiosos sobre vestígios decorativos e fontes documentais acerca do que aqueles ambientes foram no século XIX.

O edifício passara por diversas transformações ao longo do século XIX junto com seus diversos moradores. Antes de existir um paço, por volta de 1803, o terreno que se compreende atualmente como Quinta da Boa Vista pertencia a um mercador de escravos luso-libanês chamado Elias Antônio Lopes, que ergueu uma chácara sobre uma colina, de onde se tinha uma bela vista, desde a Baía de Guanabara até a Floresta da Tijuca, daí o nome Quinta da Boa Vista (DANTAS, 2013, p.16).

Com a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, Elias decidiu doar o terreno da Chácara da Quinta ao Príncipe Regente Dom João. Quando se torna residência oficial da família real, o edifício que antes fora construído em um estilo de requinte oriental, passa por uma série de reformas para melhor acomodar a realeza (DANTAS, 2013, p.16).

A edificação foi Chácara do Elias de 1803 a 1809, Paço Real de D. João de 1810 a 1821, Paço Imperial de Pedro I de 1822 a 1831 (Ilustração 3), e Paço Imperial de Pedro II de 1831 a 1889 (Ilustração 4), quando atingiu sua atual feição arquitetônica neoclássica (BIENE, 2013). Por ter sido o último morador, e quem mais tempo ali viveu, as maiores referências de como eram os ambientes interiores do Paço de São Cristóvão enquanto moradia correspondiam ao tempo do reinado de Pedro II.

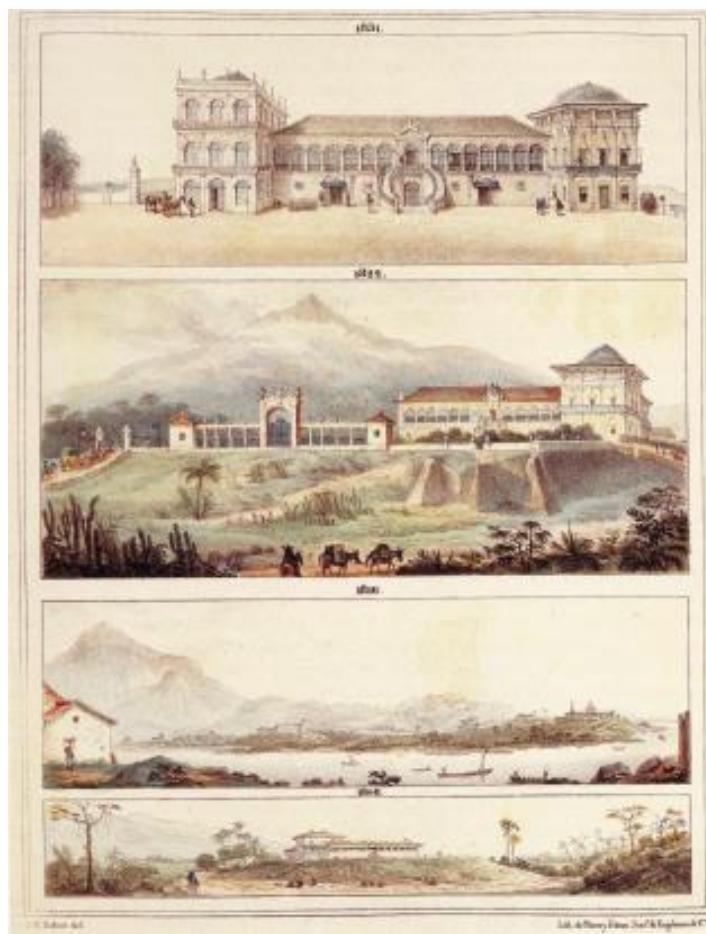


Ilustração 3: Melhorias sucessivas do Palácio de São Cristóvão, de 1808 a 1831. Litografia colorida de Thierry Frères segundo um desenho de Jean Baptiste Debret em *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, Paris 1834-9. De baixo para cima as imagens mostram: a Chácara do Elias em 1808, o Paço de D. João em 1816, e o Paço de Pedro I em 1822 e 1831.

Fonte: Fonte: BIENE, Maria Paula van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2013.



Ilustração 4: O Paço de São Cristóvão hoje, nas feições que o reinado de Pedro II deixou.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/>

Mas a configuração dos espaços interiores do paço, até a data do incêndio de 2018, era muito desconfigurada em relação ao que fora em fins do século XIX. Com o advento da República em 1889 houve uma tentativa de apagamento da memória do sistema monárquico. O espírito republicano pode ser exemplificado através da obra *A Pátria* (Ilustração 5) de Pedro Bruno<sup>7</sup>, de 1919, sendo essa tela “uma alegoria, a máxima representação, de um sentimento da nacionalidade, mas também da construção de um imaginário coletivo” (PORTELLA, 2015, p.107).



Ilustração 5: *A Pátria* de Pedro Bruno, 1919.

Fonte: <http://museudarepublica.museus.gov.br/a-patria/>

Para Portella (2015) *A Pátria* demonstra a construção simbólica da primeira bandeira nacional republicana, bem como a construção de uma nova nação. Na cena de ambiente familiar, formada principalmente por mulheres, uma luz incide sobre a sala, iluminando a criança abraçada à bandeira ao centro da tela, enquanto, em contraluz diante da paisagem iluminada, se destaca a figura da mãe que alimenta seu bebê, representando a República que nasce.

As crianças ali presentes podem também representar as gerações futuras da nação se mobilizando para oferecer suas contribuições. Figuram ainda no quadro heróis e mártir, representados em pinturas emolduradas e penduradas na parede ao fundo: Marechal Deodoro, Benjamin Constant e Tiradentes, como

---

<sup>7</sup> Pedro Paulo Bruno (1888-1949) foi pintor formado pela Escola Nacional de Belas Artes e discípulo do mestre João Baptista da Costa. Em 1919, um ano depois de ter ingressado na ENBA, conquistou o prêmio de viagem com essa que provavelmente é a sua mais conhecida obra, *A Pátria*.

personagens que jamais podem ser esquecidas, e deveriam lembradas como símbolos da luta pela sobrevivência da nação brasileira. Já apagados ao fundo, dois idosos representam o velho, o que já é passado, quase já é esquecido, e não é para ser lembrado: a monarquia.

Apesar de 30 anos de diferença, a data da elaboração da tela (1919) dialoga com a data do acontecimento representado (1889). Sobre os signos da República nascente Portella escreve:

Os símbolos da República brasileira foram estabelecidos pelo Decreto 4/1889, editado quatro dias após a Proclamação da República. O documento definiu os distintivos da bandeira e das armas nacionais, bem como dos selos e sinetes oficiais. No texto, percebe-se a tentativa de instaurar o novo imaginário sob marcos e fragmentos de memória do antigo regime [...].

(PORTELLA, 2015, p.106)

Nesse sentido, sobre o Paço de São Cristóvão, era necessário também ressignificá-lo, visto ter sido a sede do regime monárquico. Um ano após a Proclamação da República e da partida da família imperial para o exílio na França, 13 leilões<sup>8</sup> que se sucederam ao longo de 3 meses<sup>9</sup> de 1890, retiraram quase em sua totalidade os equipamentos interiores do edifício, formando ação efetiva para a desabilitação da função dos antigos ambientes do paço de Pedro II e apagamento do que por ali havia passado. Esse espaço precisava ganhar novo sentido, ao olhar do novo regime.

Os leilões de 1890 aconteceram de maneira muito rápida então, pois havia essa vontade do novo sentido. Era urgente desocupar o edifício, em vista das obras de adaptação para a realização das assembleias do congresso da constituinte (SANTOS, 1940, p. 177). Desse modo, também era importante para o governo provisório republicano, o desprendimento com o acervo de peças que contavam as memórias e as histórias daqueles que as tiveram e ali moraram, pois isso contribuiria para esquecê-los.

<sup>8</sup> Este número corresponde aos pregões respectivos ao Paço de São Cristóvão. O espólio da família imperial abrangeu 18 sessões, sendo 2 para as Cocheiras do Paço da Cidade e 3 para a Fazenda Imperial de Santa Cruz, conforme publicado no Jornal do Commercio, e citado na obra de SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

<sup>9</sup> O primeiro leilão do paço aconteceu no dia 8 de agosto e último em 10 de novembro, conforme publicado no Jornal do Commercio, e citado na obra de SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

Em 1891 aconteceu a Primeira Constituinte Republicana no interior do paço, sendo mais um importante ato político fazer a nova constituição no prédio que fora a sede do regime anterior. E em 1892, o Museu Nacional que até então era sediado no Campo de Santana foi transferido para o Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista, cujos espaços internos passaram pelas mais diversas transformações. Graças aos esforços do então diretor do museu, Ladislau Netto, o antigo Paço Imperial ganhava mais um novo sentido, porém se desguarnecendo cada vez mais do que havia sido (DANTAS, 2007, p.55).

Com a transferência do museu para o paço diversas reformas precisaram ser feitas de modo a melhor adaptar um edifício que fora construído para ser uma casa e agora acomodava um museu. Como espaço de ciência para pesquisa, ensino e divulgação de conhecimento, sucessivas obras no decorrer do século XX foram feitas para adequar os espaços a suas novas utilizações. Paredes precisaram ser quebradas para ampliar salões, bem como pintadas de branco seguindo o padrão estético do cubo branco em circuitos de exposição, dentre outras reformulações para a adaptação de laboratórios e demais locais de trabalho. Mas alguns vestígios decorativos do Paço Imperial permaneceram visíveis para o olhar de pessoas. O palácio foi aberto ao público.

Na hora da virada no Paço de São Cristóvão, se o movimento republicano trouxe a ausência do que foi uma casa, o Museu Nacional preservou a presença de memórias e histórias que ele ainda pôde contar. Os resquícios decorativos de salas do segundo pavimento dos torreões norte e sul do edifício demonstravam em meio a exposições que ali foram acomodadas, a suntuosidade de um local que dava sentido a manifestações políticas, culturais e pessoais do período monárquico.

## 2 AUSÊNCIAS ÍNTIMAS E DECORAÇÕES PARA SE BEM-ESTAR

Até a data do incêndio no Paço de São Cristóvão, três salas do segundo pavimento no torreão sul carregavam vestígios decorativos do paço de Pedro II: um gabinete de estudos, uma antessala e um oratório (Ilustração 6). O gabinete de estudos era tido como um espaço particular do imperador, e a antessala e o oratório particular de sua esposa, Teresa Cristina.

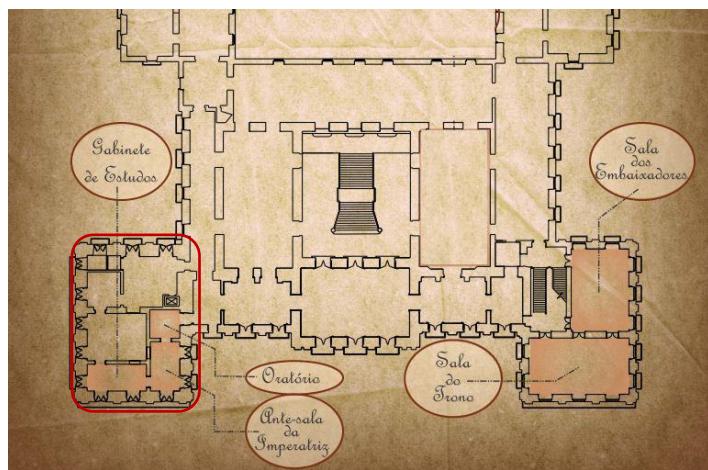


Ilustração 6: Planta-baixa do segundo pavimento do Paço de São Cristóvão, destacado em vermelho o torreão sul, que comporta o gabinete de estudos, antessala e oratório.

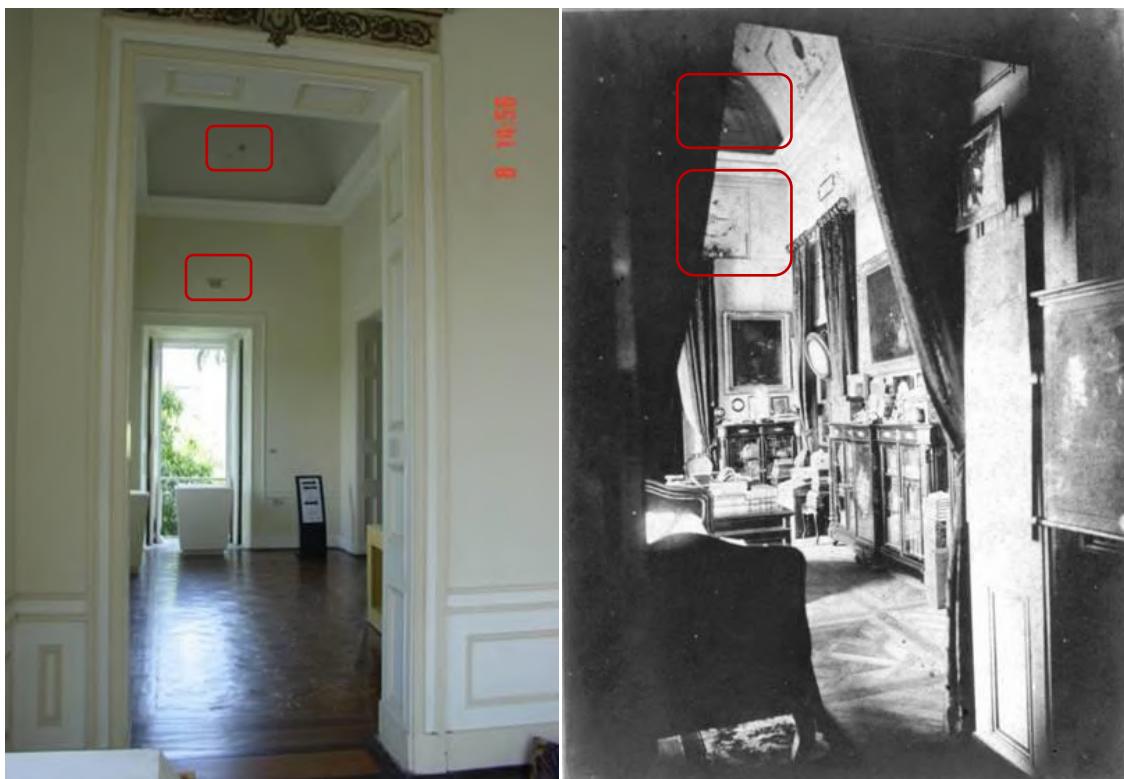
Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento2.html>

Quanto ao segundo pavimento do torreão sul, um registro fotográfico do gabinete de estudos de Pedro II feito em 1885 por Marc Ferrez, e a permanência dos elementos decorativos dos tetos da antessala e do oratório da imperatriz, foram muito importantes como ferramentas contribuintes da suposição de seus usos. O ano e a autoria das decorações das salas não foram identificados.

O Museu Nacional expunha nesses espaços do segundo pavimento do torreão sul o acervo de arqueologia pré-colombiana.

## 2.1 O Gabinete de Estudos: uma fotografia, um catálogo de peças

“Enfim, imagem ou não, o fato é que boa parte do dia a dia do monarca, era tomada por seus estudos” (SCHWARCZ, 2015. p. 153). Em seu gabinete, Pedro II certamente imergiu em numerosos conteúdos para seu deleite. Essa sala que comportava esse prazer, apresentava em meio a exposições do Museu Nacional, resquícios interiores do que fora no século XIX. Prospecções indicavam partes das pinturas decorativas do ambiente, e uma sanca era encimada por um teto em abóbada de berço (Ilustração 7). Uma fotografia do gabinete de 1885, de Marc Ferrez (Ilustração 8), tornava possível perceber com mais clareza os detalhes do recinto enquanto paço do monarca, sendo o teto “[...] dividido em painéis pintados com motivos grotescos delicados e com tímpano de tom mais escuro. Sobre portas, havia painéis pintados (com cartelas), entremeados com áreas lisas” (MALTA, 2014, p.358). Na sala ainda era possível reconhecer o piso *parquet*.



Ilustrações 7 e 8: A esquerda o gabinete de estudos no Paço de São Cristóvão enquanto Museu Nacional, a direita o gabinete no edifício enquanto Paço Imperial. Em destaque de vermelho na imagem à esquerda a prospecção dos painéis pintados da imagem à direita.

Fonte: <http://acasasenhorial.org/index.php/casas-senhoriais/pesquisa-avancada/39-fichas/469-quinta-da-boa-vista>

E que outros detalhes este instante fotográfico poderia nos contar? Ao confrontar o catálogo do *Leilão do Paço de São Cristóvão*<sup>10</sup> com a fotografia de Ferrez, através de uma análise comparada entre as peças visualizadas na imagem e as do lote do leilão, não é possível chegar a uma conclusão definitiva. No catálogo, os lotes estão organizados em “salas”, mas nenhuma das salas listadas foi nomeada como gabinete de estudos. Tentando identificar qual das salas que constam no catálogo poderia corresponder ao gabinete, percebemos que várias peças da imagem correspondem a peças listadas em algumas salas do leilão, enquanto outras não. A foto também não apresenta a configuração completa da sala. São diversas as interpretações relativas a qual sala do catálogo do leilão de fato seria correspondente ao gabinete do imperador. O registro de Ferrez é de 1885 e o inventário é de 1890. Nesses cinco anos de diferença, a disposição de alguns objetos pode ter mudado também.

Talvez um pouco diferente de como estava para o leilão de 1890, o instante de Ferrez nos mostra como fora um dos lugares em que o imperador praticava o exercício dos estudos de seu interesse. E é possível ir além. Essa fotografia é um catálogo das peças que compunham o gabinete de Pedro II. É possível descrever os móveis aparentes em cena, e até alguns que não estão à mostra. Assim é factível fazer um catálogo das peças que integravam o ambiente, através da identificação das peças na imagem. Comparando as peças identificadas na imagem com as semelhantes descritas no inventário do leilão, também podemos supor quais eram seus materiais. Além disso, as dimensões da sala, também sugerem a existência de peças não aparentes. Após análise, segue a fotografia do gabinete particular de Pedro II por Marc Ferrez (Ilustração 9), e um catálogo<sup>11</sup> possível das peças que o compunham, um exercício de imaginação a partir dos dados disponíveis (Ilustração 10).

---

<sup>10</sup> Disponível em: SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

<sup>11</sup> A linguagem do catálogo obedece à escrita de objetos semelhantes descritos em SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

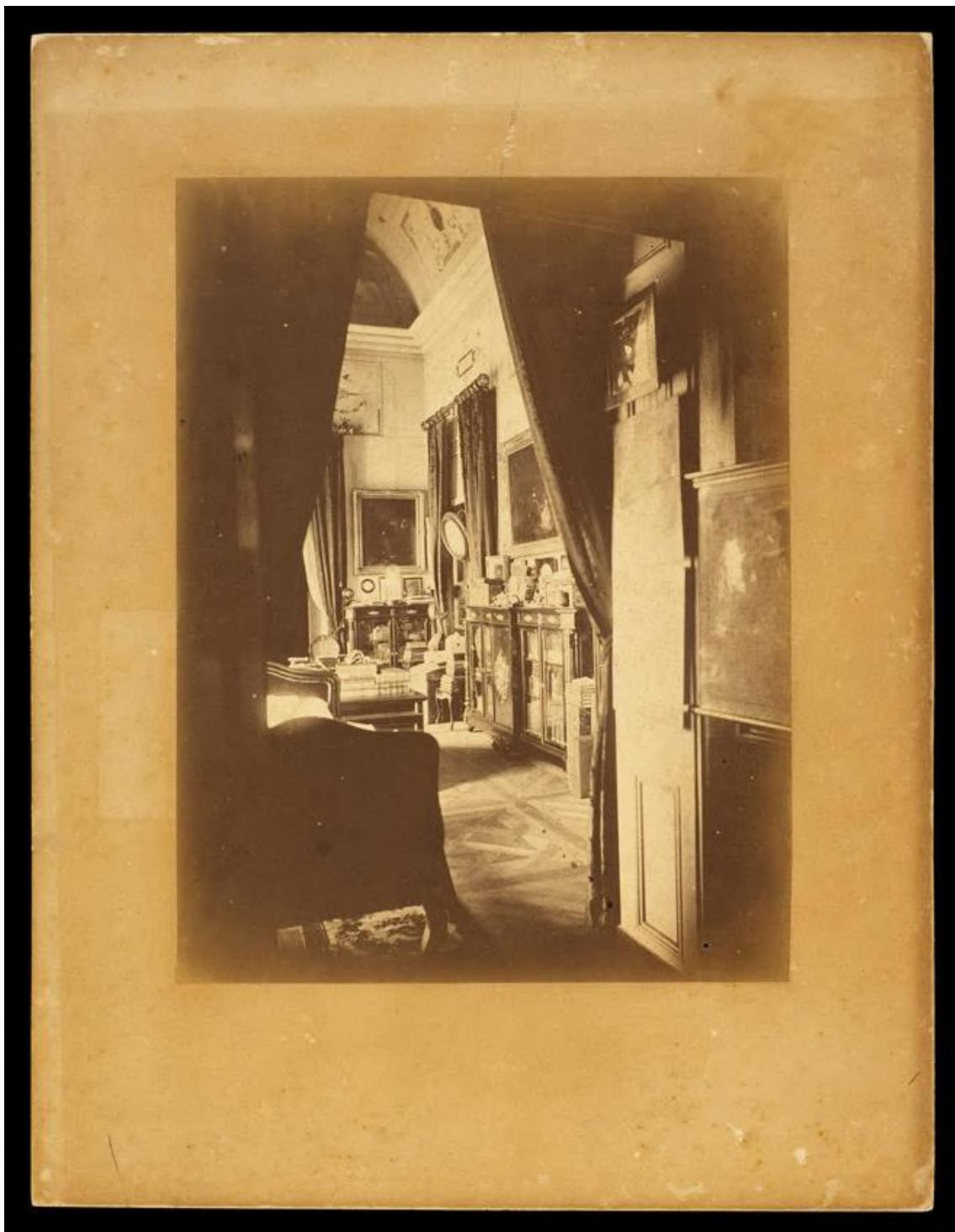


Ilustração 9: *Gabinete Particular de D. Pedro II, São Cristóvão* de Marc Ferrez, 1885.

Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>

SALA N. ?

*Gabinete de Estudos*

LOTES

- A 3 pares de cortinas (de cor escura e motivos florais) com sombra de renda para vidraças, galerias de mogno ou palissandre esculturadas com coroa, talvez guarnecidas de bronze dourado, bem como os porte-embrasses - estando 1 conjunto de cortinas na janela aparente na fotografia, e 2 conjuntos nas janelas ausentes
- B 3 pares de cortinas (de cor escura com motivos florais), galerias de mogno ou palissandre esculturadas com coroa, talvez guarnecidas de bronze dourado, bem como os porte-embrasses - estando 2 conjuntos de cortinas nos portais aparentes na fotografia, e 1 conjunto na janela ausente
- C 1 cama canapé - Segundo Malta (2013) de modo à polonesa, com cabeceira e pezeira de igual tamanho
- D 1 pequeno tapete (moldura de cor escura, fundo claro e motivos florais) - estando embaixo da cama aparente na fotografia
- E 1 grande dunquerque de mogno ou palissandre com coroa, talvez guarnecidas de bronze dourado ou prata
- F 1 dunquerque de mogno ou palissandre com coroa, talvez guarnecidas de bronze dourado ou prata
- G 3 cadeiras em medalhão com palhinha
- H 1 espelho ovalado
- I 1 mesa com cadeira
- J Conjunto com múltiplos quadros

Ilustração 10: *Um catálogo para o Gabinete do Imperador* de Renato Alcantara, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

É importante observar que o gabinete de estudos de Pedro II foi remontado no Museu Imperial, em Petrópolis. Mas essa remontagem, seria ela fiel ao gabinete que existiu no Paço de São Cristóvão? Na verdade, em Petrópolis, o gabinete (Ilustração 11) é contrastante em relação ao imortalizado por Ferrez. No Museu Imperial a sala é ampla e com equipamentos móveis que a deixam espaçosa em relação a como teria sido. Os quadros e os móveis que encostados às paredes as preenchem parcialmente. Armários guardam os livros e os escondem. A cenografia montada acaba demonstrando um espaço inhabitado. A falta de miudezas e da desordenada organização dos livros é um sinal da ausência do monarca no lugar. A falta dos detalhes que denotam o caráter da pessoalidade de seu anfitrião acaba transformando um lugar que antes fora do gosto da manifestação de seus interesses e intimidades, em gabinete para talvez outros usufruidores. A sala do monarca traz a ausência de sua presença.



Ilustração 11: Gabinete de estudos do Museu Imperial, Petrópolis.

Fonte: <http://www.museuimperial.gov.br/servicos-online/tour/visita-interativa>

Voltando ao gabinete do Paço de São Cristóvão, peças penduradas pela parede avançavam sobre o portal de acesso à sala ao lado, de onde a foto foi capturada, e logo encontrávamos no canto direito inferior da imagem, uma parte de um móvel pertencente a um espaço identificado como uma antessala.

## 2.2 A antessala e o oratório: dois tetos decorados, espaços para contemplação

Na sala seguinte ao gabinete de estudos de Pedro II, encontrávamos a antessala da imperatriz Teresa Cristina (Ilustração 12), na qual havia, como resquícios interiores, os apliques de madeira recobertos de gesso e com pinturas em ouro sobre o teto e acima dos portais (Dantas, 2007, p.162). Acompanhando a pintura dourada, era grande a presença dos tons claros, decorados com formas espiraladas e angelicais, do repertório neoclássico feminino. É interessante pensar também no espírito do neoclássico feminino, enquanto a sua escolha e utilização aconteceu em sala atribuída à imperatriz, trazendo características do estilo, no uso dessas formas decorativas em ambiente interior e do seu atrelamento ao universo feminino. O teto da antessala ainda chamava a atenção pela abundância da cor salmão. Dentre detalhes, pequeninas aves se misturavam a folhagens entrelaçadas. Um soberbo florão dourado ao centro do teto da sala indicava que dali pendia uma luminária.



Ilustração 12: Teto da antessala.

Fonte: [http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia\\_MN.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia_MN.pdf)

A antessala de Teresa Cristina também fazia referência ao seu esposo, o imperador Pedro II, nos adornos do teto e das sanefas, onde seres angelicais sustentavam um medalhão com as iniciais de Pedro II (P II), junto com a coroa imperial acima da inscrição (Ilustração 13). É importante atentar às referências que eram encontradas e correspondiam diretamente ao imperador pelo paço,

pois garantiam a presença do monarca no espaço, o seu poder e permanência mesmo quando não estava presente.



Ilustração 13: Sanefa com monograma de Pedro II.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/salas/antesala.html>

A saleta da imperatriz era tida como um espaço de contemplação que antecedia o oratório, e a sua disposição ao lado do gabinete de estudos de Pedro II também era digna de atenção, no sentido de terem sido espaços pessoais de cada um, que podem ter contribuído para a aproximação no convívio de suas atividades particulares (Dantas, 2007, p.163). Os interesses de estudos das ciências, como a arqueologia, através das Coleções de Antigo Egito de Pedro e de Culturas Greco-Romanas de Teresa podem ser um exemplo de fator em comum nas afinidades do casal.

Através da análise das salas descritas no *Leilão do Paço*<sup>12</sup>, não é possível definir que aparelhamento compunha o ambiente, visto que o nome/função e localização da sala não são explicitados no catálogo. A antessala apresentava um conjunto de três sanefas e três cornijas, sendo as sanefas, acima das aberturas para as janelas, e as cornijas, estando acima dos portais de acesso ao gabinete de estudos e do oratório (Ilustração 14). Há de se interpretar então que a sala possuía um conjunto de três pares de cortinas.

---

<sup>12</sup> Disponível em: SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: Anuário do Museu Imperial, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.



Ilustração 14: Parte do teto e duas sanefas. A sanefa da esquerda está colada na parede, acima do portal de acesso ao Oratório. A sanefa da direita, de acesso a uma das janelas, apresenta vácuo com a parede.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/salas/antesala.html>

O oratório também atribuído aos usos de Teresa Cristina era reconhecido como ambiente para tal função, através de seu teto em abóbada com pintura de céu estrelado (Dantas, 2007, p.163). Os tons eram esverdeados esfumaçados para o fundo (céu), com douramentos nos ornamentos sinuosos da aresta da abóbada, nas estrelinhas ao redor, e no florão do centro (Ilustração 15).



Ilustração 15: Teto do oratório.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/salas/oratorio.html>

O florão do qual pendia uma luminária irradiava como uma grande estrela. A Imperatriz fora educada na prática das virtudes e da religião cristã (AVELLA, 2014 apud FLEIUS, 1922, p.4). Imagine-se como o teto abobadado desse espaço tenha contribuído para a construção de uma contemplação e imaginário de contato próximo com o divino. Sugere-se que o altar do oratório ficasse na parede sem saída conforme mostra uma planta-baixa do paço em 1864 (Ilustração 16).

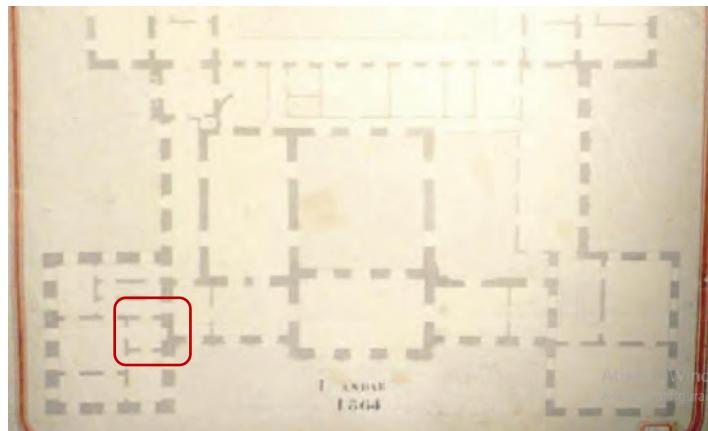


Ilustração 16: Planta-baixa do segundo pavimento do Paço de São Cristóvão em 1864, destacado em vermelho o oratório.

Fonte: BIENE, Maria Paula van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes: Rio de Janeiro, 2013.

Era um ambiente pequeno, e que nos leva a supor que era decorado com pouco mobiliário, ainda mais por possuir três portais de acesso e uma única parede para grande aparelhamento. Além do altar, em madeira e com figura votiva, alguns outros elementos sacros deviam estar organizados onde coubesse. Tapeçaria e reposteiros poderiam também estar presentes. Cabem singelas considerações sobre os artefatos que compunham a sala, dada a não identificação dessas no catálogo do leilão.

O oratório e a antessala ainda assim são passíveis de outras interpretações sobre seus usos e a forma como eram ordenados. Apesar de atribuídos a imperatriz, podem ter sido de uso comum aos dois imperadores, ou até mesmo direcionados ao estar de Pedro II, pensando que seu gabinete de estudos estava próximo. A antessala então, por exemplo, poderia compor um espaço de continuidade ao gabinete, ou de relação intrínseca com o oratório.

Os interiores do Paço de São Cristóvão não eram muito refinados em relação ao seu grande porte e importância, e sua decoração não recebeu elogios significativos comparados a outras casas senhoriais (MALTA, 2013-2014, p.130). Porém não cabe considerar seus salões como simples e despojados (MALTA, 2011, p.359). A antessala e o oratório são exemplos de joias esquecidas do antigo paço, onde a decoração rebuscada oferecia o prazer de se bem ali estar. É certo dizer que os ambientes desse pavimento do torreão contemplavam uma área privada de acesso dos imperadores, mas que não fugiam da construção de uma imagem da figura pessoal de seus usufruidores dissociada da figura pública. Se a antessala pôde evocar a constante permanência de um Monarca, o oratório o fez com a Igreja Católica, e assim suas decorações contemplavam o olhar e refletiam a presença daqueles que não estão.

### **3 ABRAM ALAS, O PAÇO ORGULHOSAMENTE APRESENTA: DECORAÇÕES DE UM ESPETÁCULO**

Em *A Sociedade da Corte*, Norbert Elias narra que a origem do que chamamos de teatro da monarquia se deu nas cortes da Europa, bem como também começou a crescer na medida em que no absolutismo os reis detinham um poder centralizador. Era o momento da construção dos estados nacionais, e os reis estavam muito preocupados com suas relações com a nobreza. A corte que agregava essa nobreza era o público do espetáculo, enquanto o ator principal era o rei.

Para Elias (2013) a corte de Luís XIV trouxe a exacerbação dos rituais da civilização ocidental. É como se nesse espaço cada um soubesse o seu lugar, bem como o lugar de cada um. Os indivíduos atuavam conforme suas respectivas personagens, e tudo era muito bem “ensaiado”, pois o protocolo cerimonial exercia importante papel político ao evitar conflitos. A corte francesa era sem a menor dúvida um modelo absolutista, em que dentro de um espetáculo denominado como monarquia, o rei Luís estabeleceu a corte em Versalhes tendo a preocupação de que todos os seus atos fossem públicos, desde o acordar no início do dia até a hora de dormir.

No Brasil, desde o primeiro momento em que a corte portuguesa veio para o Rio de Janeiro em 1808 com Dom João, houve uma preocupação com esse espetáculo da monarquia, mas em moldes diferentes. Tal fenômeno já acontecia aqui no período colonial, pois quando havia em Portugal, por exemplo, o nascimento de um príncipe ou casamento, fazia-se no Brasil, algum tipo de comemoração através de cortejos (CHIAVARI & GRINBERG, 2008).

Dentro desse segmento, arquiteturas efêmeras ornavam e engrandeciam importantes eventos ceremoniais de caráter público da capital, como a recepção de chegada da Arquiduquesa da Áustria Maria Leopoldina em 1817 e a aclamação de D. João em 1818 (CHIAVARI & GRINBERG, 2008). Essas grandes festas públicas, denotavam o espírito do teatro da monarquia. E mesmo que a corte de D. João, tivesse aberto mão de determinados protocolos em seu

reinado nos trópicos, uma série de ações, como o ritual de beija mão, perpetuaram o espetáculo, em diferentes medidas, de Pedro I para Pedro II (SHWARCZ, 2001, p.54-55).

De um espetáculo vindo da Europa, foi necessária uma adaptação para a construção do imaginário ligado à monarquia que se instalava nos trópicos. “O terreno mágico, sagrado e simbólico da realeza brasileira que, ao mesmo tempo, atualizou a tradição europeia (espelhada num modelo Habsburgo, Bourbon e Bragança), a fez dialogar com representações locais, anteriores ao seu estabelecimento (SCHWARCZ, 2001, p.8).

Nas pinturas decorativas da sala dos embaixadores e da sala do trono, no segundo pavimento do torreão norte do Paço de São Cristóvão (Ilustração 17), referências das relações da monarquia tropical com seus ancestrais europeus ali estavam, para que seus visitantes tomassem consciência da legitimidade da casa imperial. O imperador Pedro II pode ter sido avesso a rituais, mas era realmente necessário praticá-los, espelhá-los em modelos externos, e complementá-los com as novidades de um reinado que nunca fora visto antes nas Américas, como Schwarcz escreve:

Na mesma medida em que d. Pedro revelava não ter paciência para as questões práticas, “sobrava-lhe tempo” para dialogar com os trópicos. Desse contato ambos saíram alterados: os indígenas nunca foram tão brancos; o monarca jamais foi tão tropical. Entre muitos ramos de café e tabaco, por vezes cercado de alegorias, coroado como um César em meio a coqueiros e paineiras, com o livro na mão, d. Pedro II é mais e mais um sinônimo da nacionalidade.

(SCHWARCZ, 2015, p.153)

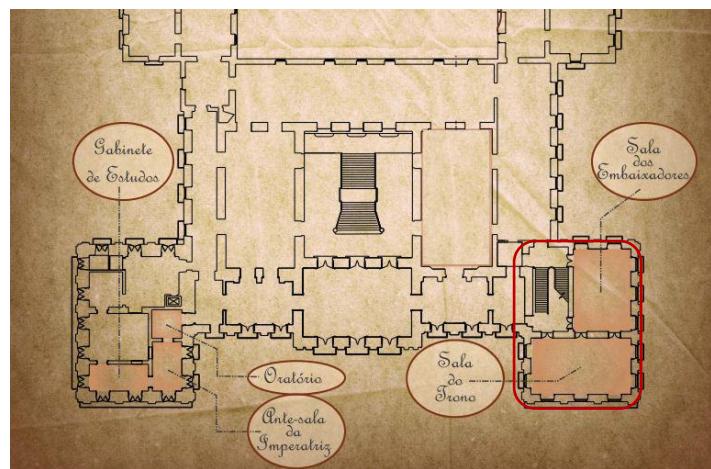


Ilustração 17: Planta-baixa do segundo pavimento do Paço de São Cristóvão, destacado em vermelho o torreão norte, que comportava a sala dos embaixadores e a sala do trono

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento2.html>

Essas salas foram decoradas entre 1857 a 1861 pelo cenógrafo italiano Mario Bragaldi (PESSOA, 2015, p.304-315). O Museu Nacional dedicava esses espaços do segundo pavimento do torreão norte a exposições temporárias.

### 3.1 A sala dos embaixadores: ilustres recepções, ilustre decoração

A sala dos embaixadores ou dos diplomatas era onde se conduziam os visitantes ilustres no Paço de São Cristóvão a fim de serem recepcionados, e designados à sala do trono conforme o protocolo ceremonial assim desejasse (SANTOS, 1940 p. 153). Suas paredes eram forradas com tecido damasco, com padrão de formas losangulares. Na pintura em estuque do teto havia a abundância dos tons terrosos e douramentos em bronze, bem como formas decorativas de motivos florais predominando, em meio a diversas figurações simbólicas da nação e do mundo (Ilustração 18).



Ilustração 18: Roda-teto da sala dos embaixadores.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/1/princ1.htm>

Entre símbolos de referências nacionais, apareciam as iniciais dos imperadores Pedro e Teresa (PT) em medalhões. Guirlandas carregavam inscrições com nomes de Províncias do Brasil Império. As armas do império também presentes sustentavam ramos de café e tabaco, produtos de grande exportação e importância econômica para o Brasil à época. Pedras preciosas representavam algumas de nossas riquezas naturais. Em um canto do teto da

sala um medalhão remetia às Américas através de personagens indígenas. Em clima internacional, os outros três cantos da sala se referiam ao Velho Mundo (Ásia, África e Europa). A decoração da sala se colocava propícia para a sua função, onde diálogos devem ter estimulado prósperas relações comerciais.

A partir dos lotes 1085 a 1097, que contemplavam a sala nomeada como a de número nove (Ilustração 19) no Sétimo Leilão do Paço de São Cristóvão (Ilustração 20), conseguimos saber quais equipamentos interiores compunham a sala dos embaixadores, nos levando a imaginar a forma como a sala se configurava. No catálogo do leilão constam 39 peças em seus 13 lotes. Há de se lembrar da provável falta de total compreensão sobre o número exato desses objetos no ambiente até o período em que foi utilizado pelo imperador, visto que algumas peças não devem ter sido contabilizadas no catálogo.

## SALA N. 9

*Sala dos Embaixadores*

- 1085      2 ricos candelabros de bronze legítimo dourado com figuras, para 5 luzes (400\$000 cada um, Sr. Bethencourt da Silva)
- 1086      1 esplêndida taça de bronze dourado a fogo delicadamente trabalhada (vendida por 3:450\$000 ao Sr. Luiz Machado)
- 1087      2 ricos candelabros de bronze legítimo dourado com figuras, para cinco luzes (400\$000 cada um)
- 1088      1 soberba pêndula de bronze legítimo dourado a fogo com riquíssimo trabalho de escultura, figura, dragões, etc., peça importantíssima
- 1089      2 riquíssimos vasos de legítimo bronze dourado a fogo com delicadíssimo trabalho a cinzel. (Os lotes 1088 e 1089 eram peças em estilo Renascimento e alcançaram 6:950\$000, compradas pelo Sr. Luiz Machado)
- 1090      1 esplêndida mobília de palissandre estofada de damasco de seda lavrada, guarnevida de bronze e coroa, constando de sofá, 4 cadeiras com braços e 12 ditas de guarnição, ao todo 17 peças (vendida por 9:100\$000 ao Sr. Luiz Machado, hoje pertencendo aos herdeiros do Conde Modesto Leal)
- 1091      1 magnífico dunquerque de palissandre guarnecido de bronze dourado a fogo, tampo de mármore e portas de espelho francês (3:150\$000, Sr. Luiz Machado. Hoje pertencem aos herdeiros supra citados)
- 1092      1 dito, idem idem idem
- 1093      1 soberbo espelho de cristal francês em moldura de palissandre guarnecidada de bronze dourado com coroa e iniciais
- 1094      1 dito, idem idem idem (comprados pelo Sr. Bethencourt da Silva a 1:150\$000 cada um. Hoje estão no Museu Nacional, com as armas imperiais arrancadas, pois estiveram no Salão da Constituinte)
- 1095      5 pares de ricas cortinas de damasco de seda com sombra de renda e galerias de palissandre guarnecidadas de bronze dourado, coroa e iniciais
- 1096      4 ditos, idem idem muito largas
- 1097      1 esplêndido e grande tapete legítimo Aubusson com lindo desenho (vendido ao Sr. Luiz Machado por 1:450\$000)

Ilustração 19: Catálogo da Sala de N.9 correspondente a sala dos embaixadores.

Fonte: SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

**HOJE**  
**PALACIO DA BOA-VISTA**  
**IMPORTANTISSIMO LEILÃO**

EM CONTINUAÇÃO

**RICAS MESAS**  
do marqueterie  
**CONSOLOS DE MOGNO**  
guarnecidos de bronze  
**IMPORTANTE SECRETÁRIA**  
de mogno guarnecida de  
bronze  
**BELLOS QUADROS**  
a óleo  
**ANTIGOS VASOS**  
de porcellana, com suas pinturas a esmalte  
**MOBILIA**  
de mogno, estofada de tecido  
do crin  
**RICOS LUSTRES**  
de bronze  
**IMPORTANTISSIMA MOBILIA**  
de palissandre esculturada  
com guarnições de bronze  
**SOBERBOS ESPELHOS**  
de crystal, em ricas molduras de palissandre, guarnecidas de bronze  
**ESPLENDIDOS VASOS**  
de bronze  
**RIQUISSIMAS PENDULAS**  
de bronze  
**MAGNIFICO TAPETE**  
Aubusson  
**RICAS CORTINAS**  
de damasco, com galerias  
de palissandre  
**BELLAS CADEIRAS**  
douradas  
**ETC., ETC., ETC.**

**J. DIAS**

(Escritório, rua do General Camara n. 74)

autorizado por alvará do  
Exm. Sr. Dr. Juiz de direito  
da 2<sup>a</sup> vara de orphãos, em  
presença do mesmo Exm. Sr.  
e conta dos bens perten-  
centes ao inventário da  
funda

D. THERESA CHRISTINA MARIA  
EX-IMPRESSOR DO BRAZIL

**VENDE EM LEILÃO**

**HOJE**

SEXTA-FEIRA 26 DO CORRENTE

**ÀS 11 HORAS DA MANHÃ**

**NO PALACIO DA BOA-VISTA**

S. CHRISTOVÃO

os ricos móveis, capelhos e  
mais objectos acima mencio-  
nados.  
O CATALOGO completo dis-  
tribuir-se no escritório do  
anunciante, a rua do Ge-  
neral Camara n. 74.

**O LEILÃO CONTINÚA DO LOTE N. 1.004**

Ilustração 20: Publicação do Sétimo Leilão do Paço no Jornal do Commercio, em 26/09/1890.

Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Alguns motivos para as peças não inventariadas podem ser: a subtração dessas; a mistura dessas com objetos de outros espaços, sendo integradas à listagem de outras salas; o caráter singular dessas, tendo o interesse e apreensão pelo governo provisório; o caráter pessoal dessas, sendo assim separadas e levadas à França a pedido do imperador exilado. Quanto a essas peças que não constavam no leilão, Francisco Marques dos Santos fez algumas considerações.

Segundo Santos (1940), além dos lotes contidos na sala dos embaixadores, um relógio de armário ficaria em um canto da sala, e dois pedestais acompanhavam os vasos do lote 1089. O relógio e os pedestais seriam de jacarandá, conforme os outros móveis do ambiente. Dois lustres também pendiam do teto, sendo de bronze dourado, de acordo com os candelabros dos lotes 1085 e 1087.

Havia ainda um óleo sobre tela de Quinsac Monvoisin<sup>13</sup>, pintado em 1847. É um retrato de Pedro II de grande porte (Ilustração 21). O imperador está com 21 anos e em trajes majestáticos. Com o exílio da família imperial o quadro seguiu para a França e ficou instalado no Castelo d'Eu. Após a revogação do banimento da família, em 1921, herdeiros retornaram ao Brasil com o quadro.



Ilustração 21: Dom Pedro II, imperador do Brasil, aos 21 anos de idade em 1847.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pedro\\_II1847.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pedro_II1847.JPG)

---

<sup>13</sup> Raymond Auguste Quinsac Monvoisin (1790-1970) foi um pintor francês.

Assim como a obra de Monvoisin, outros objetos pertencentes à sala dos embaixadores são identificados visualmente nos dias de hoje, bem como também podem, em parte, ter suas trajetórias conhecidas do leilão até a sua localização atual. Alguns exemplos são: o lote 1090, compreendendo a esplêndida mobília de palissandre estofado de damasco de seda lavrada, garnecida de bronze e coroa, constando de sofá, quatro cadeiras com braços e oito ditas de guarnição, ao todo 17 peças (Ilustração 22). Esse lote foi vendido por 9:100\$000 a Luiz Machado no leilão do paço. Posteriormente pertenceu ao Conde Modesto Leal, sendo depois doada por seus herdeiros ao Museu Imperial, assim integrando a Coleção Família do Conde Modesto Leal no acervo do museu. Atualmente o conjunto está na Sala de Música do Museu Imperial. Através de um registro de Insley Pacheco<sup>14</sup>, percebe-se que o estofado do conjunto, antes florido, já fora trocado (Ilustração 23).



Ilustração 22: 1 de 1 sofá, 1 de 4 cadeiras com braços, e 1 das 8 ditas de guarnição.

Fonte: <http://www.museuimperial.gov.br/dami/>



Ilustração 23: *Pedro II, Imperador do Brasil, Rio de Janeiro, 18??.*

Fonte: INSTITUTO CULTURAL BANCO SANTOS. *De volta à luz: fotografias nunca vistas do imperador*. 2003.

---

<sup>14</sup> Joaquim José Insley Pacheco (1830-1912) foi um fotógrafo português.

Os lotes 1092 e 1993 do leilão, que correspondem aos dois soberbos espelhos de cristal franceses em molduras de palissandre garnecidas de bronze dourado com coroa e iniciais (Ilustração 24), foram adquiridos por Bethencourt da Silva<sup>15</sup> por 1:150\$000 cada um. Tiveram as armas imperiais que ornavam a parte superior da moldura arrancadas, a fim de compor o salão que estava sendo construído para a constituinte no interior do paço. Os espelhos acabaram sendo deixados no edifício após o evento, e ao longo dos anos transitaram por diversos ambientes, dentre espaços administrativos e expositivos do museu. A última alocação dos espelhos foi na sala conhecida como aposentos de Pedro II, e onde até o incêndio que se alastrou pelo acervo da instituição em setembro de 2018, funcionava o Gabinete da Direção do Museu Nacional.



Ilustração 24: Um dos dois espelhos.

Fonte: DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Programa de Pós-graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

---

<sup>15</sup> Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1911). Foi arquiteto, formado na Academia Imperial de Belas Artes, discípulo de Grandjen Montingny.

O lote 1097, compreendendo o esplêndido e grande tapete legítimo Aubusson com lindo desenho (Ilustração 25), foi vendido a Luiz Machado por 1:450\$000. Em 1973 é noticiado no Anuário do Museu Imperial, a compra de um tapete, de manufatura Aubusson com a marca, C J Sallandrouze, datado de 1852, e tido como pertencente à antiga sala dos embaixadores do Paço de São Cristóvão. Hoje a tapeçaria compõe a sala do trono do Museu Imperial.



Ilustração 25: Tapete Aubusson, com a marca CJ Sallandrouze, datado de 1852.

Fonte: <http://www.museuimperial.gov.br/servicos-online/tour/visita-interativa>

A sala dos embaixadores do Paço de São Cristóvão apresentava uma decoração planejada nas combinações. O damasco estava presente nas paredes e cortinas. No teto aparecia os tons terrosos, sem falar dos motivos florais, que ainda se repetiam no estofado e na tapeçaria. Notava-se ainda a quantidade de delicados douramentos. Cabe a reflexão sobre o detalhamento que as composições possuíam, de modo a se integrarem em um arranjo totalmente pensado nas interações e complementações de suas diversas cores e formas. A reunião dessas só será lembrada por aqueles que outrora ali também se reuniram, e pelos ilustres que revisitam, investigam e imaginam.

## 2.2 A sala do trono: um palco para o imperador

Após as primeiras recepções na sala dos embaixadores, era na sala do trono que o ritual tomava continuidade, e realizava-se o beija-mão. Porém “o monarca suavizava rituais; [...] depois de sua primeira viagem à Europa, em 1871, deixou de lado o costume português [...]” (SCHWARCZ, 2015, p.324). Mas o palco do imperador não deixara de abrilhantar o que foi essa atração.

A pintura decorativa da sala remetia quase a um templo grego, vendo-se nas paredes atlantes e cariátides sustentando colunas. No teto via-se um Zeus no Olimpo. As pinturas foram feitas com a técnica do *trompe d’oeil*, no primoroso talento de seu executor, Mario Bragaldi. O artista contratado, que era cenógrafo, demonstrara ser uma escolha bem propícia para a montagem de um palco. As virtudes de um soberano, papel a ser exercido pelo imperador, estavam presentes nas representações alegóricas da Justiça, Fortaleza, Temperança e Prudência. A história da personagem principal também precisava ser contada, através da heráldica de seus antepassados: Bragança (D. João VI e Pedro I), Leão e Castela (D. Carlota Joaquina), Habsburgo-Lorena (D. Leopoldina), e Leuchtenberg (D. Amélia), além de sua consorte das Duas Sicílias (D. Teresa Cristina). O palco do imperador estava assim montado para narrar seu espetáculo (Ilustração 26).



Ilustração 26: A sala do trono.

Fonte: <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-avancada-2/174-quinta-da-boa-vista>

As únicas peças que permaneceram na sala nomeada como a de n.10 (Ilustração 27) após o Leilão do Paço de São Cristóvão foram os dois ricos lustres de bronze dourado a fogo com figuras esculturadas e mangas de cristal lavrado para 12 luzes, referentes aos lotes 1102 e 1103, adquiridos por Bethencourt da Silva sob o valor de 2:050\$000 cada peça, e iluminando a sala ao longo dos anos até o incêndio.

SALA N. 10	
<i>Sala do Trono</i>	
1098	29 antigas cadeiras douradas e esculturadas e estofos de seda lavrada (compradas pelo Sr. Catramby)
1999	1 rica mesa de palissandre com finos trabalhos de escultura, delicado mosaico e trabalho de marquetterie; peças importantíssimas (venida ao Sr. Alves de Brito por 2:100\$000)
1100	2 grandiosos vasos de finíssima porcelana de Sèvres  com riquíssimas pinturas a esmalte e asas de bronze dourado (peças importantíssimas. Um jornal da época dizia que ainda conservavam a etiqueta da fábrica, com o preço de 12.500 francos cada um, ou sejam 10:000\$ os dois pelo câmbio de Julho de 1890. Foram adquiridos por 6:300\$ cada pelo Sr. Luiz Machado, comprador do Conde Sebastião de Pinho. Em 10-12-1908 foram vendidos por 6:000\$ cada um ao Dr. Franklin Sampaio
1101	1 grande tapete aveludado que forra este salão
1102	1 rico lustre de bronze dourado a fogo com figuras esculturadas e mangas de cristal lavrado para 12 luzes
1103	1 dito, idem idem idem. (Os dois lustres foram vendidos a 2:050\$000 cada um ao Sr. Bethencourt da Silva)

Ilustração 27: Catálogo da Sala de N.10 correspondente a sala do trono.

Fonte: SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. In: *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v.1, p.151-316, 1940.

E onde está a peça que cultuava maior valor na sala do **trono**? Está ausente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rememorar é combater a inquietante ameaça que é o esquecer, e a memória é uma constante luta contra o (im)possível esquecimento.

(FAM, 2012, p.43)

As presenças decorativas do Paço de São Cristóvão acompanhavam ausências de parte de seu conjunto e de seus significados. Diversas transformações modificaram os sentidos dos espaços, mas permaneceram ecoando ao que outrora foram e aqueles com quem se relacionavam. A partir do que ontem foram esses ambientes, este estudo reflete sobre a presença de algo que já não está mais, ou seja, *a presença de uma ausência*. Mas se há decoração ausente, há a evidência de algo que foi, e de alguma forma está presente.

Em 15 de novembro de 1889 as luzes dos ricos lustres da sala do trono foram apagadas, mas foi só quase um ano depois, em 26 de setembro de 1890, que o palco começou a ser desmontado. O grande tapete aveludado que forrava a sala, amortecia a retirada dos objetos em cena. Contudo a pintura decorativa permanecia à espera de novidades, as luzes foram acesas novamente, pois em 1892, a casa do imperador recebia um novo espetáculo, era o Museu Nacional.

O palco em que outrora desfilava o espetáculo do imperador ganhava então novos sentidos, novas apresentações, novas histórias, novos públicos. A plateia se encantava, viajava e aplaudia. Eram os novos ilustres visitantes. O palco ganhava o povo, o palco era do povo. Em 2 de setembro de 2018, 157 anos depois de montado, parece que o palco terminou de ser desmontado. O público chora. O espetáculo acabou? Outro ato começa, pois a história continua a ser contada! As memórias dos que por ali passaram, devem continuar a serem contadas para aqueles que ainda conhecerão o que foi o palco do monarca brasileiro.

É necessário falar sobre as ausências para não esquecê-las. O incêndio do Paço deixou presenças ainda mais ausentes. No futuro, estudiosos estarão contando sobre os vestígios decorativos do Paço após o incêndio. Poderemos ainda ver algum detalhe da sala do trono, por exemplo? Hoje gostaria de

contribuir com o meu olhar, sobre espaços que tantas vezes contemplei e imaginei como antes foram.

As leituras das pesquisas de Regina Dantas e Maria Biene tanto contribuíram comigo, e me suscitaram mais questionamentos sobre detalhes do Paço de Pedro II que ainda não conheço ou não conhecemos. Francisco Santos em especial, no seu trabalho sobre o leilão do Paço despertou o interesse pela investigação da temática. Onde estão as peças loteadas no leilão hoje em dia? Em quais coleções? Em quais instituições? E as não loteadas? E os tantos achados precisos no gabinete de estudos, seria possível encontrá-los? Reconhecê-los?

Propõe-se para futura pesquisa o estudo das aquisições, trajetórias e destinos das peças dos lotes catalogados no leilão do Paço, visto que a compreensão do evento ainda apresenta muitas lacunas.

Os interiores do Paço de São Cristóvão ainda são uma grande descoberta. As presenças e as ausências não estão somente na visualidade decorativa, mas no sentido delas, a quem elas evocam. Devemos investigar e contar muito mais sobre o que esses espaços foram. O Paço se transforma, e não podemos esquecer como ele fora, mesmo que não tenhamos conhecido. Há uma importância de uma ausência que está presente. Se percebermos que há presença ausente, é porque criamos memória.

## REFERÊNCIAS

### Livros, dissertações, teses e catálogos

AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BIENE, Maria Paula Van. *O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/ UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. *A casa do imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Programa de Pós-graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

ELIAS, Norbert. *A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahazar, 2001.

GRINBERG, Piedade Esptein; CHIAVARI, Maria Pace. *Os festeiros reais: arquiteturas efêmeras de D. João VI a D. Pedro II*. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2008.

MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Império em Procissão*. Rio de Janeiro: Zahazar, 2001.

## **Capítulos, volumes, partes de publicações e artigos de periódicos**

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Considerações sobre o Paço de São Cristóvão e o Museu Nacional. In: ANDRADE, Antonio Ricardo Pereira de (Org.). *Guia de visitação ao Museu Nacional: reflexões, roteiros e acessibilidade*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2013.

FAM, Beatriz. Ausência da presença, presença da ausência: vestígios que não se pode apagar. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n.6, p. 38-48. 2012. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie06/>>. Acesso em 22/10/2018.

MALTA, Marize. Arte doméstica: modos de morar em fins do século XIX no Rio de Janeiro e a casa de Rui Barbosa. In: MALTA, M.; MENDONÇA, I. M. G. (Org.). *Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores*. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, Lisboa: IHA-FSCH-UNL / CEAD-ESAD-FRESS, 2013-2014.

MUSEU IMPERIAL. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, n.34, p.128, 1973. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

PESSOA, ANA. Bravo! Bragaldi: o palácio, o artista e a arte no Brasil. In: PESSOA, Ana. MALTA, Marize. (Org.). *Anais do II Colóquio Internacional Casa Senhorial: anatomia de interiores*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

PORTELLA, Isabel Sanson. A construção de um ideário de identidade nacional através da produção artística da Escola Nacional de Belas Artes no acervo do Museu da República. In: CAVALCANTI, A.; MALTA, M.; PEREIRA, S. G. (Org.). *Coleções de Arte: Formação, Exibição e Ensino*. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015.

SANTOS, Francisco Marques dos. O Leilão do Paço de São Cristóvão. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, n.1, p.151-316, 1940. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>